Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

CLEMENCE MARIE CHANTAL JOUËT-PASTRÉ

AUTORIZADO o fornecimento de cópias da tese a interessados.

JOGOS DE PODER NAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DAS *FLORES DO MAL*

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE

21300014819

Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Área: Língua e Literatura Francesa

Orientador: Prof. Dr. Mário Laranjeira

São Paulo, 1999

SBD/FFLCH

JOUET-PASTRE, C. M. C.
1999

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

RESUMO

Nesta tese analiso as traduções brasileiras das *Flores do Mal* de Charles Baudelaire. Há traduções esparsas dos poemas que vêm sendo feitas desde 1871 bem como três traduções integrais realizadas por Jamil Almansur Haddad (1958), Ionácio Souza Moitta (1971) e Ivan Junqueira (1985).

Para realizar minha pesquisa, parti do pressuposto de que toda tradução reflete necessariamente uma certa ideologia, um momento histórico determinado. Portanto, levando-se este pressuposto em consideração, argumentei e provei que traduções estão sempre envolvidas em jogos de poder que variam ao longo do tempo. Trata-se do poder das diferentes poéticas vigentes, do poder editorial, do poder de diferentes tipos de mecenas; enfim, de toda e qualquer instituição que goze de algum prestígio na época em que uma determinda tradução é realizada.

Procurei mostrar que as diferentes traduções brasileiras das *Flores do Mal* variaram de acordo com o contexto no qual os tradutores estavam imersos. Ou seja, durante os cento e vinte e oito anos em que os poemas baudelairianos foram traduzidos, houve mudanças no contexto sócio-histórico-ideológico brasileiro que foram refletidas nas traduções.

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

ÍNDICE

		Página
AGRADECIMENTOS		iii
RESUMO		iv
INTRODUÇÃO		1
Capítulo		
1.	CONCEITOS FUNDAMENTAIS EM TEORIA DA TRADUÇÃO	4
1.1	Introdução	6
1.2	Da questão do sentido e de sua pluralidade	8
1.2.1	Desdobramentos do conceito aristotélico de signo	12
1.2.2	Da multiplicidade dos sentidos	15
1.3	Compreendendo o que é compreender	22
1.4	O conceito de fidelidade	28
1.5	Especificidades da tradução de poesia	
2.	OS JOGOS DO PODER E A TRADUÇÃO	
2.1	Introdução	31
2.2	Teorizações foucaultinas sobre o conceito de poder	34
2.3	Os jogos de poder e os alicerces da teoria da tradução	43
3.	CORRENTES DE CRÍTICA E FILOSOFIA DE TRADUÇÃO	
3.1	Introdução	55
3.2	O formalismo russo e a teoria de polissistemas	56
3.2.1	As raízes da teoria de polissistemas	57
3.2.2	A teoria de polissistemas de Even-Zohar e seus paralelos com a semiosfera de Lotman	61
3.2.3	O papel da tradução na teoria de polissistemas	65
3.3	Os "Estudos de Tradução"	66
3.3.1	Breve histórico dos "Estudos de Tradução"	67
3.3.2	As novas vertentes dos "Estudos de Tradução"	70
3.4	Tradução e antropofagia	72
4.	REESCREVENDO BAUDELAIRE NA FRANÇA	
4.1	Introdução	75
4.2	As três edições	78
4.3	A querela dos manuais	91
4.4	Os manuais da atualidade ou a "redenção baudelairiana"	96

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

5 TRADUÇÕES TRAIÇÕES DEGLUTIÇÕES 130

5.1 Introdução 131

5.2 Os primeiros baudelairianos (traduções parciais) 132

5.3 Traduções do começo do século até o recenseamento de Tavares Bastos em 1963 (traduções parciais) 133

5.3.1 Félix Pacheco 135

5.3.1.1 Correspondências 135

5.3.2 Guilherme de Almeida 139

5.3.2.1 Perfume Exótico 139

5.3.3 Osório Dutra 142

5.3.3.1 L'Ennemi 142

5.3.3.2 O Inimigo 146

5.4 Traduções pós-63 (traduções parciais) 151

5.4.1 Análise global das traduções pós-63 151

5.4.2 Análise específica de traduções pós-63 157

5.4.2.1 Dante Milano 158

5.4.2.2 Celui-qui-se-châtie-lui-même ou l'héautontimoroumènos 165

5.4.2.3 O Atormentador de si mesmo ou o heautontimoroumenos 169

5.4.2.4 Ana Cristina César 173

5.4.2.5 Le Cygne 178

5.4.2.6 O Cisne 182

5.5 Traduções Integrais 191

5.5.1 Tradução de Jamil Almansur Haddad 194

5.5.2 Tradução de Ignácio de Souza Mottta 196

5.5.3 Tradução de Ivan Junqueira 198

5.6 Expansão analítica da tradução de um poema baudelairiano 207

CONCLUSÃO 230

ANEXO 233

BIBLIOGRAFIA 255

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

INTRODUÇÃO

Neste ano de 1999, o Brasil completa cento e vinte e cinco anos de traduções dos poemas das *Flores do Mal* de Charles Baudelaire. Desde a publicação, em 1871, da tradução do poema "Le Poison" por Luís Delfino, as poesias de Baudelaire têm sido traduzidas e retraduzidas à exaustão. Em 1963, Tavares Bastos empreendeu a tarefa de levantar o número de traduções feitas para cada poema do buquê baudelairiano. O pesquisador descobriu que, além da tradução completa do livro, realizada, em 1958, por Jamil Almansur Haddad, havia um total de 468 versões dos poemas. Dando continuidade ao levantamento de Tavares Bastos, elenquei mais 99 publicações de traduções de poemas esparsos e duas traduções completas (Souza Moitta, em 1971 e Ivan Junqueira em 1985) que foram feitas a partir de 1963.

Esta fúria tradutória, este constante e permanente movimento de deglutição dos poemas de Baudelaire não deixa de ser um fato no mínimo curioso. É foi esta curiosidade que me moveu a levantar uma série de questões às quais procurei responder nesta tese: Qual a razão do permanente movimento de traduções das *Flores do Mal* ? Quais as escolhas textuais dos tradutores de Baudelaire? Por que, dentre tantos poemas, teriam os tradutores das *Flores do Mal* escolhido "Le Cygne" ? Descrever os que escolheram? O que os tradutores das *Flores do Mal* estariam expressando em suas escolhas textuais? Que tipos de

diferenças haveria entre as diversas traduções dos poemas das *Flores do Mal*? Haveria traduções ou tipos de tradução mais aceitas que outras? Quem foram e quem são os tradutores brasileiros das *Flores do Mal*? Trata-se de tradutores consagrados? Jornalistas? Tradutores profissionais?

Ao analisar as diferentes traduções brasileiras das *Flores do Mal* descobri que estas variaram de acordo com o contexto no qual os tradutores estavam inseridos. Ou seja, durante os cento e vinte e oito anos em que os poemas baudelairianos foram traduzidos houve mudanças no contexto sócio-histórico-ideológico brasileiro que foram refletidas nas traduções.

Para realizar minha pesquisa, parti do pressuposto de que toda tradução reflete necessariamente uma certa ideologia, um momento histórico determinado. Portanto, levando-se este pressuposto em consideração, argumentei ser provável que traduções estão sempre envolvidas em jogos de poder que variam ao longo do tempo. Trata-se do poder das diferentes poéticas vigentes, do poder editorial, do poder de diferentes tipos de mecenas, enfim, de toda e qualquer instituição que goze de algum prestígio na época em que uma determinda tradução é realizada.

No primeiro capítulo discuti os conceitos fundamentais que embasam qualquer teoria da tradução. Refleti sobre a questão do sentido e de sua pluralidade, sobre o que vem a ser a compreensão, sobre o conceito de

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

lealdade e sobre as especificidades da tradução de poesia. No segundo capítulo discuti as teorizações foucaultianas sobre o conceito de poder e argumentei como este conceito perpassa os fundamentos teóricos da teoria da tradução bem como toda a história desta disciplina. No terceiro capítulo procurei mostrar como diferentes correntes em teoria da tradução trabalharam com as noções que apresentei nos primeiro e segundo capítulos.

No quarto capítulo, fiz um estudo sobre as três diferentes edições francesas das Fleurs du Mal. Fiz ainda um pequeno estudo sobre a recepção das Fleurs na França. Tal estudo foi embasado na análise de diferentes tipos de textos de literatura usados na França desde o final do século passado.

No quinto capítulo, com base nas discussões realizadas nos capítulos anteriores, analisei as traduções brasileiras dos poemas das Fleurs du Mal. Tendo em vista que o volume de traduções é muito grande, optei por dividi-las em quatro blocos distintos: os primeiros baudelairianos (traduções parciais), traduções do começo do século até o recenseamento de Tasmos Peixoto em 1963 (traduções parciais), traduções pós-63 (traduções parciais) e as traduções integrais: Jamil Haddad (1958); Ignácio da Moitta Lopes (1971) e Ivan Junqueira (1985).

de Mallarmé. No entanto, acredito que ela poderia ter perfeitamente feito algo bastante semelhante para Baudelaire.

> "Escolhi um dos sonetos de Mallarmé: *Salut*. De certa forma, essa escolha tende a afastar-me de meu tópico principal, uma vez que o soneto levanta muitas indagações sobre o próprio tema da "modernidade" literária. Por outro lado, penso que é uma escolha natural, que serve também para delimitar meu território. Ao refletir sobre as razões que me fizeram escolher esse soneto, começo a perceber que, no momento, sinto um interesse especial pela tradução do poema curto *moderno*. Percebo, igualmente, que estou escrevendo este ensaio mais como um meio de delimitar meu próprio território, do que como um ensaio teórico. A questão da "modernidade" torna-se, assim, parte intrínsica do tema." (1988: 157)

5.5 Traduções integrais

Falar sobre as traduções integrais das *Flores do Mal* é uma tarefa bastante complicada. Isto deve-se ao fato de que, logo de imediato, coloca-se a questão discutida no capítulo IV desta tese, ou seja, que há uma controvérsia no que diz respeito à edição definitiva das *Flores*.

Em minha opinião, no Brasil existem três traduções integrais das *Flores do Mal*. A primeira delas foi feita por Jamil Almansur Haddad e publicada, pela primeira vez, em 1958, pela Difusão Européia do Livro. A segunda foi feita por Ignacio de Souza Moitta e publicada pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará

em 1971. Finalmente, a terceira tradução foi feita por Ivan Junqueira e publicada pela Nova Fronteira em 1985 e pela Nova Aguilar em 1986.

No entanto, minha opinião não é unanimidade compartilhada por muitos baudelairianos de peso (cf. Tavares [illegible], 1992: 17). Ivan Junqueira (1985: 645), por exemplo, argumenta que a tradução de Hasbaert não é completa "A de Jamil Almansur Haddad omite cinco poemas ('O cachimbo da paz', 'Promessas de um rosto' e os três que compõem a seção 'Pilhérias')".

Não concordo com Ivan Junqueira uma vez que não considero 'O cachimbo da Paz' como sendo da autoria de Baudelaire. Trata-se de uma tradução que Baudelaire fez de Longfellow e a qual, como já disse no capítulo anterior, foi incluída por Asselineau e Banville na terceira edição das Fleurs. Quanto a 'Promessas de um rosto' e 'Pilhérias', é importante lembrar que [illegible] já foi tratado no capítulo anterior, tais poemas não fizeram parte [illegible] terceira edição das Fleurs. Na verdade foram lançados, em julho de 1868, por Michel Lévy, com o título de Complément aux Fleurs du Mal de Charles Baudelaire.

Não sei tampouco se Nelson Ascher partilha de minha opinião. Em entrevista dada à revista *Cult* em abril de 1998, o poeta e tradutor [illegible] declara que "Temos dois Homeros, um Virgílio, três Divinas Comédias, duas *Flores do Mal*, um Shakespeare, todos completos, e os portugueses não têm

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

sequer uma sobra disso (p. 9)[9]. Fica a dúvida se Ascher tem conhecimento da tradução de Souza Mollta (uma vez que esta não é muito conhecida) ou se partilha da opinião de Junqueira.

Tendo em vista o grande volume de informações contidas em cada uma das três traduções acima arroladas, resolvi analisá-las, em um primeiro momento, separadamente. No entanto, para criar uma maior uniformidade na apresentação dos dados, estabeleci a ordem, abaixo transcrita, que é a mesma para todas.

a) Pequeno comentário biográfico do tradutor;

b) Número de edições e, quando possível, número de exemplares por edição;

c) Análise da introdução e do prefácio levando em conta a organização geral da edição (por exemplo, menciona-se em qual edição francesa a tradução foi baseada);

Após a primeira análise, mais geral, passo a fazer uma análise mais específica dos poemas que compõem as três traduções integras das Flores. Tendo em vista que seria impossível analisar separadamente cada um dos poemas que figuram nas três traduções aqui em questão, optei por um método que denominarei de "Método de Expansão". Este método consistirá em tomar

[9] Leyla Perrone-Moisés (Lendo e traduzindo, p. 58) observa, em seu artigo "Os primeiros baudelairianos", que Jamil Haddad traduziu as *Flores do Mal* e que "Só falou o poema em latim bárbaro" [illegible] mais

um poema, no caso "Au lecteur", e analisar exaustivamente o original. Em seguida, faz-se a análise das traduções brasileiras, separadamente, e, finalmente, procura-se "expandir" esta análise para a tradução dos outros poemas das *Flores*. Ou seja, analisei a tradução de "Au lecteur" de cada um dos três tradutores brasileiros procurando regularidades, recorrências de procedimentos de traduzir que foram verificadas em *todos* os demais poemas que figuravam nas três versões de Haddad, Souza Moitta e Junqueira.

5.5.1 Tradução de Jamil Almasur Haddad.

Jamil Almansur Haddad nasceu em 14-10-1914 na cidade de São Paulo. Doutorou-se pela Faculdade de medicina de São Paulo, em 1938. Lente-docente de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia de São Paulo, professor de Estudos Brasileiros da Universidade de Beirute e Damasco, contratado pelo Ministério de Relações Exteriores. É dono de uma invejável obra marcada por livros que lhe dão o direito de ostentar os títulos de poeta, tradutor, ensaista, crítico e jornalista.

Como poeta publicou *Alkamar, a minha amante* em 1935, *Orações negras* (prêmio da Academia Brasileira de Letras) em 1938, *Primavera na Flandres* em 1947 etc. Na crítica e no ensaio publicou *O Romantismo brasileiro*

[11] Em Portugal, encontrei apenas uma tradução integral das *Flores do Mal*. Esta foi feita por Fernando Pinto Amaral e publicada, pela primeira vez, em 1992, pela Assírio e Alvim.

e as sociedades secretas do tempo em 1945, *Revisão de Castro Alves em 1953*, *Álvares de Azevedo, a Maçonaria e a dança* em 1960 etc.

No campo da tradução, Haddad tem uma enorme produção que abarca diversas línguas. Além da monumental tradução das *Flores do Mal* de 1958, traduziu ainda *Poemas do livro de Jângal* (de Rudyard Kipling) em 1941, *Líricas* (de Safo) em 1942, *Cântico dos Cânticos* (atribuído a Salomão) em 1944, *O Cancioneiro de Petrarca* em 1945 etc.

A tradução das *Flores do Mal* de Jamil Almansur Haddad foi incrivelmente editada e re-editada. As duas primeiras edições saíram pela Difusão Européia do Livro (uma em 1958 e outra em 1964). Em seguida, houve mais duas edições pela Max Limonad (uma em 1981 e outra em 1985). Houve ainda duas edições pelo Círculo do Livro (uma em 1981 e outra em 1995) e uma, em 1984, pela Abril S.A. Cultural.

Haddad fez um trabalho muito extenso no que diz respeito ao prefácio e às notas que acompanham sua tradução. Em seu prefácio, que conta com setenta e uma páginas, há um estudo detalhado sobre a influência da obra de Baudelaire no Brasil e, surpreendentemente, faz-se uma série de hipóteses sobre uma possível influência do exotismo brasileiro na obra do poeta francês. Além disso, Haddad comenta traduções anteriores às suas, dizendo inclusive, como já foi apontado no início deste capítulo, que muitos poetas do Romantismo

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

fazem adaptações nos poemas de Baudelaire para que se ajustassem melhor ao gosto brasileiro. Neste prefácio encontra-se também uma discussão sobre as teorias de tradução de Theodore H. Savory bem como um levantamento dos dicionários e enciclopédias consultados para a realização da tradução das Flores do Mal.

No que diz respeito às notas que acompanham a tradução de Haddad, pode-se no mínimo dizer que são extremamente generosas. No prefácio da edição de 1964, o tradutor afirma que se valeu do recenseamento de Tavares Bastos, publicado em 1963, para elencar as traduções anteriores à dele. Portanto, para cada poema que traduz, Haddad faz uma nota listando todas as traduções já feitas anteriormente. Há notas também apresentando as variantes de Baudelaire ou seja, referências a manuscritos franceses nos quais encontram-se redações (palavras riscadas, por exemplo) do poeta. Existem ainda notas que discutem as escolhas do próprio Haddad. Nestas notas o tradutor transcreve diversas escolhas que poderia fazer e justifica a que finalmente fez. Há notas nas quais encontram-se explicações bem extensas sobre referências que Baudelaire utilizou da mitologia grega, da Bíblia, etc. Exemplos desse tipo de nota seriam as notas 1 e 2 feitas para o poema "O Cisne" nas quais se explica quem é Andrômaca e o que vem a ser o rio Simoente. Outro tipo curioso de nota ocorre quando o tradutor usa um determinado poema para fazer um pequeno estudo sobre algum tema literário. Um exemplo desse procedimento é a nota 1 feita para o poema

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

'Correspondências' Nesta nota Haddad faz um comentário relativamente longo sobre as características do simbolismo. Finalmente, há notas nas quais se encontram poemas de autores brasileiros que versam sobre o tema do poema baudelairiano em questão. Como exemplo deste tipo de ocorrência, encontra-se a transcrição de "A Ilha de Cipango" de Augusto dos Anjos na nota 1 de "Convite à Viagem"

Apesar do estudo detalhado apresentado no prefácio e do cuidado com a feitura das notas, acredito que a edição de Haddad apresente alguns problemas. Em primeiro lugar, não há indicação alguma sobre a edição francesa utilizada como base da tradução. Em segundo lugar, o tradutor aponta, na página 10 de seu prefácio, que é o primeiro a traduzir as seis peças condenadas. Ora, ao se analisar o índice da edição de Haddad, organização-SP, que este fez um "misto" das edições de 57 e da de 61. Em outras palavras, o tradutor manteve, na mesma ordem, os seis poemas condenados e acrescentou ao final o resto poemas da segunda edição organizada por Baudelaire (é importante lembrar que os poemas condenados não faziam, obviamente parte da segunda edição). Gostaria ainda de comentar que Haddad colocou, separadamente em sua edição, os poemas acrescentados às Flores na Edição Postuma. No entanto, omitiu 'O cachimbo da Paz' sem, para isso, dar nenhuma justificativa. Finalmente, gostaria de lembrar que, como já coloquei no início desta seção, o fato de Haddad não ter traduzido 'Promessas de um rosto' e 'Pilhérias' não causam grande dano a sua obra, uma vez que tais poemas não

fizeram parte da terceira edição das *Flores*. Tampouco acredito que 'O cachimbo da Paz' seja um poema imprescindível em uma tradução das *Flores do Mal* que se pretende completa pois, como também já disse, ele não é de autoria de Baudelaire. Porém, critico o fato de Haddad não ter explicitado as razões que o levaram a fazer este tipo de escolha, ou seja, optar por inserir um poema e omitir outro. Acredito que o leitor brasileiro fique desorientado com esta falta de informação. Afinal, por que omitir 'O cachimbo da Paz' mas inserir, por exemplo, 'A Théodore de Banville' (poema que os baudelairianos acreditam que Baudelaire nunca incluiria em seu bouquet)?

5.5.2 Tradução de Ignácio de Souza Moitta

Ignácio de Souza Moitta nasceu no município de Prainha, no Pará, a 31 de julho de 1893 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 1º de junho de 1981[10]. Matriculou-se na Faculdade de Direito do Pará em 1914 e recebeu o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais no ano de 1919. Ascendeu à Desembargadoria em 1952 e aposentou-se em 1968. Suas atividades literárias começaram na juventude, com poemas líricos, e se diversificaram, mais tarde, em larga produção, praticamente inédita. *Ode aos Meus Maiores*, *Dias Idos* (versos), *Pastoral*, *Uma Vida* (poemas dramáticos), *Glória in Excelsis* (Pastoral em cinco quadros), *Escrínio de pandora* (poemas em prosa), *Vitrais*, editado

[10] Gostaria de agradecer à Academia Paraense de Letras, na pessoa de Alonso Rocha, que gentilmente colocou-me farto material (recortes de jornais, ofícios, trechos de biografias etc) que me possibilitou a elaboração da biografia de Souza Moitta.

Como pode ser depreendido dos exemplos acima arrolados, os hiperônimos utilizados tendem sempre a pertencer a um português, que embora da variedade padrão, está mais próximo da linguagem do dia-a-dia. Acredito que este procedimento de Junqueira esteja intrinsicamente ligado à poética moderna a qual privilegia a linguagem utilizada no cotidiano. Nesse sentido, o trabalho de Junqueira está corroborando a hipótese defendida nesta tese, ou seja, que traduções estão intimamente ligadas a questões de poder e criação. Aqui especificamente analisado, trata-se da questão do poder da poética moderna que estava nos escritores da geração de Junqueira.

Para encerrar a análise das três traduções completas das Flores, gostaria de observar que Dantas Motta e Junqueira deixaram em seu trabalho muito mais do que simples idiossincrasias. Estes tradutores deixaram marcas que revelam seu comprometimento com o tempo e o espaço em que viveram ou viveram.

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

CONCLUSÃO

Para concluir esta tese, gostaria de dar uma breve resposta-resumo à série de questões que coloquei tanto na introdução quanto no início do segundo e no início da terceira página do capítulo V. Qual a razão do permanente movimento de traduções das *Flores do Mal* ? Quais as escolhas textuais dos tradutores de Baudelaire ? Por que, dentre tantos poemas, teriam os tradutores das *Flores do Mal* escolhido "reescrever" os que escolheram ? O que os tradutores das *Flores do Mal* estariam expressando em suas escolhas textuais ? Que tipos de diferenças haveria entre as diversas traduções dos poemas das *Flores do Mal* ? Haveria traduções ou tipos de tradução "ideais" ou "ruins" ? Quem traduz e quem são os tradutores brasileiros das *Flores do Mal* ? Trata-se de escritores consagrados ? Jornalistas ? Tradutores profissionais ? A brevidade da resposta, para questões tão amplas, justifica-se na medida em que creio ter sido toda a tese dedicada a respondê-las.

Acredito que as *Flores do Mal* tenham sido traduzidas por tradutores brasileiros diferentes por razões que variaram ao longo dos mais de cem anos em que vêm sendo vertidas para o português do Brasil. Dentre os tradutores destacam-se poetas renomados, como Guilherme de Almeida, Ivan Junqueira, Ana Cristina Cesar, Décio Pignatari e Dante Milano. Há também tradutores profissionais como Jamil Almansur Haddad, José Lino Grünenwald e Cláudio

Veiga. Finalmente, encontram-se traduções feitas por pessoas desconhecidas no mundo literário, como as do Professor mineiro Mário Mendes Villela e as do estudante paulista Ricardo Meireles.

No início, Baudelaire foi traduzido, especialmente pelos primeiros baudelairianos, como uma espécie de álibi para inovações estéticas. Machado de Assis, já em 1879, colocava que os "primeiros baudelairianos" ou, em suas próprias palavras, os integrantes da "Nova Geração", estavam rejeitando fortemente os ideais da Escola Romântica e que, para tanto, procuravam escudar-se em poetas estrangeiros como Baudelaire. Em seguida, praticamente a partir dos anos 30, Baudelaire passou a ser traduzido em função de sua consagração mundial. Procurei demonstrar este último fato através das traduções de Félix Pacheco, Osório Duque-Estrada, Silveira de Souza, Silvio Romero e Onestaldo de Pennafort. Procurei também contextualizar o contexto em que essas traduções foram publicadas, ou seja, em meio a uma grande campanha - liderada por Félix Pacheco e respaldada na Academia Brasileira de Letras - destinada a divulgar a poesia baudelairiana junto às instituições literárias oficiais brasileiras. Portanto, as traduções da obra de Baudelaire deixaram de ter o papel de introduzir novos gêneros literários, como tiveram em fins do século XIX. Em certo sentido, tiveram o papel antagônico de reprimir as inovações propostas pelo Modernismo brasileiro.

Assim como variaram as razões que levaram as *Flores* a serem traduzidas no Brasil, também variaram as escolhas textuais dos tradutores. Os primeiros baudelerianos preferiram traduzir os poemas de cunho mais explicitamente erótico. Neste sentido, pensavam, de certa forma, estar confrontando a ideologia conservadora reinante no Império de D. Pedro II. Para tanto, chegaram ao ponto de dar cores ainda mais eróticas aos poemas das *Flores do Mal*. Dos anos 30, com a campanha liderada por Félix Pacheco, até os anos 60, a preferência foi por poemas de caráter mais marcadamente simbolista. Atualmente, a preferência tem recaído sobre os poemas que expressam uma postura estética mais em sintonia com a modernidade, como por exemplo "Le Cygne", que foi tão belamente traduzido por Ana Cristina César.

Todas essas mudanças, aqui arroladas, ao fato dos tradutores serem sujeitos historicamente determinados. Portanto, seus produtos, ou seja, as traduções, fatalmente sofrem influências das inevitáveis mudanças que ocorrem em nossas sociedades ao longo dos séculos. Mudanças estas, que são obviamente também decorrentes dos vários jogos de poder que se desenrolam em todos os níveis das mais diversas sociedades.